



CONAHP
Congresso Nacional
de Hospitais Privados **2024**

**A EDIÇÃO DOS
RECORDES!**

PALCO

INOVAÇÃO



anahp
associação nacional
de hospitais privados

HÁ 23 ANOS PROMOVENDO
QUALIDADE E ÉTICA NA SAÚDE



CONAHP 2024:

A maior edição da história em tamanho, público e inovação

O Conahp 2024 já começou sendo considerado uma edição recordista. O evento cresceu em tamanho e em público, ocupando 3 pavilhões do Transamerica Expo Center (ou 16 mil m²), em São Paulo, e contou com a presença de 6.430 pessoas. Além disso, neste ano o maior congresso de saúde do Brasil incluiu mais um palco em sua programação – totalizando 6 espaços para debates sobre diferentes aspectos do setor de saúde,

contou com um hospital do futuro interativo montado dentro do evento e somou mais de 160 parceiros e patrocinadores que levaram diferentes soluções para a feira de exposição e networking do evento.

Nos dias 16 e 17 de outubro, o Conahp recebeu autoridades, como a ministra da Saúde, Nísia Trindade, parlamentares, conselheiros da Associação Nacional de Hospitais Privados – Anahp, representantes

de todos os elos da saúde, além de lideranças e personalidades da saúde nacional e internacional, que marcaram presença entre os congressistas e nos palcos.

Todo o conteúdo do congresso foi dividido entre o Palco Central e outros cinco temáticos: Saúde do Futuro, Inovação, ESG, Assistencial e Pessoas. **Neste e-Book você encontrar a cobertura completa do Palco Inovação.**

PALCO INOVAÇÃO

Este palco mostrou como as inovações tecnológicas estão transformando os sistemas de saúde e mudando as relações desta cadeia.

Confira, a seguir, a cobertura dos debates do Palco Inovação do Conahp 2024.





Charles Souleyman (Amil) e Guilherme Hummel (EMI) na plenária que abriu o Palco Inovação.

Saúde digital generativa é chave para aumentar a eficiência e enfrentar o déficit assistencial

O setor de saúde enfrenta um cenário crítico de déficit de profissionais, e a inovação digital surge como uma solução estratégica para lidar com essa escassez. Guilherme Hummel, diretor do e-Health Mentor Institute (EMI), abriu as apresentações do Palco Inovação do Conahp 2024 destacando que até 2030 o déficit global de profissionais de saúde deve chegar a 10 milhões. “Com uma demanda crescente e oferta limitada, a saúde vai depender cada vez mais da inteligência artificial para suprir essa lacuna”, afirmou.

De acordo com o diretor, a inteligência artificial generativa (GenAI) se tornará indispensável para otimizar recursos e proces-

sos assistenciais, ajudando a reduzir a pressão sobre o sistema. Ele enfatizou ainda que a tecnologia pode atuar diretamente na produtividade assistencial. “Com a GenAI, é possível compreender e resolver qualquer problema com enorme rapidez, elevando a eficiência e reduzindo desperdícios”, garantiu.

Além disso, a tecnologia permitirá que os profissionais de saúde se concentrem nas decisões mais críticas, enquanto tarefas rotineiras e administrativas serão automatizadas. “Em cinco anos, por exemplo, metade dos médicos estará utilizando assistentes conversacionais baseados em IA, melhorando a tomada de decisão clínica e otimizando o tempo disponível para atendimento”, antecipou.

Hummel acrescentou que a GenAI será essencial para superar a desigualdade no acesso à saúde. “As máquinas, agora multimodais, compreenderão a linguagem humana de maneira natural, facilitando a comunicação entre profissionais e pacientes em diferentes contextos”, explicou.

Ele destacou ainda que a tecnologia poderá reduzir custos operacionais e combater a inflação médica. “Aumentar a oferta na mesma proporção do crescimento da demanda é inviável, então teremos que reduzir a demanda desnecessária e otimizar o uso dos recursos com inteligência artificial,” finalizou.

O painel teve a moderação de Charles Souleyman, diretor-executivo da Amil.



Vitor Ferreira (Sabará Hospital Infantil), Javier Viver (Microsoft) e Maurício Craveiro (Google Cloud Brasil).

Assistentes conversacionais têm potencial para revolucionar a prática médica

O Palco Inovação do Conahp 2024 mostrou como a utilização de assistentes conversacionais generativos pode revolucionar o trabalho dos profissionais de saúde. Vitor Ferreira, CIO do Sabará Hospital Infantil, e moderador do painel, começou o debate destacando que, em menos de quatro anos, mais de 50% dos médicos integrarão esses assistentes em sua prática diária. “Esses agentes serão tão comuns quanto o estetoscópio, trazendo ganhos expressivos de produtividade”, comparou.

Javier Viver, diretor sênior de Mercados Globais Emergentes

da Nuance Communications - Microsoft, explorou a importância da estruturação eficiente dos dados clínicos. Ele explicou que a plataforma da Microsoft oferece múltiplos recursos para capturar e organizar informações de saúde de maneira prática. “Com a voz como interface, a interação com os sistemas torna-se muito mais amigável, e a qualidade dos dados melhora significativamente”, destacou.

Viver também apresentou o conceito de captura de voz e transcrição automática como uma solução para otimizar a rotina clínica. “Nosso foco é facilitar o trabalho dos médi-

cos, permitindo que eles se concentrem no paciente enquanto o sistema registra automaticamente a conversa”, explicou. Segundo o diretor, a tecnologia também já inclui ferramentas específicas para a enfermagem, visando capturar dados diários de forma eficiente.

Por outro lado, há desafios na adoção dessas inovações. “Profissionais acostumados a ditar suas notas se adaptam rapidamente, mas os que preferem digitar precisam ser educados para que as informações sejam capturadas corretamente”, exemplificou.

Maurício Craveiro, Head na Google Cloud Brasil, complementou a discussão relacionando o impacto da inteligência artificial no futuro da saúde e mencionando o modelo Gemini, assistente de inteligência artificial do Google, que, de acordo com ele, já está maduro para uso multimodal. “A IA é essencial para otimizar a jornada do paciente e democratizar o acesso à saúde, oferecendo soluções de alta performance a baixo custo”, resumiu.

Craveiro também destacou o desenvolvimento de algoritmos especializados, como um que detecta tuberculose a partir da tosse. E ressaltou que a tecnologia está cada vez mais integrada ao cotidiano médico e que o modelo MedLM, voltado para a saúde, já obteve mais de 90% de acerto na prova de medicina dos Estados Uni-

dos. “Estamos otimistas com o futuro, em que a personalização do cuidado será ainda

mais presente, baseada em dados precisos e bem estruturados”, concluiu.



Javier Viver, diretor sênior de Mercados Emergentes Globais da Nuance Communications - Microsoft.



Felipe Cabral (Hospital Moinhos de Vento), Isadora Kimura (Nilo) e Edgar Rizzatti (Grupo Fleury).

Inovação e provas de conceito: explorando novas fronteiras na saúde

A saúde tem passado por um período de intensa inovação, com inúmeros lançamentos de plataformas, dispositivos, sensores e aplicações digitais nos últimos dois anos. Com esse gancho, Felipe Cabral, gerente médico de Saúde Digital do Hospital Moinhos de Vento, abriu o painel dedicado às provas de conceito destacando a importância de testar e validar todas essas novidades antes da implementação. “Nada pode ser utilizado sem que passe por uma validação rigorosa”, afirmou. E completou que, embora haja grande potencial, trazer disrupção à saúde é um desafio significativo.

Isadora Kimura, fundadora da Nilo, comentou os desafios enfrentados pela saúde suplementar no Brasil e como a inovação pode ajudar a gerar valor para o setor. Segundo ela, a chave está no engajamento do paciente e na integração de dados de diferentes fontes. “Temos que praticar uma escuta ativa e juntar todas as informações de forma estruturada e multidimensional”, recomendou. E explicou que essa abordagem melhora o entendimento sobre a jornada assistencial, reduz desperdícios e evita judicializações ao alinhar pacientes e familiares ao tratamento.

Kimura esclareceu que “o custo real da inovação está na mudança de processos e comportamentos, não apenas nos equipamentos”. E enfatizou a importância da gestão da mudança para que a transformação digital se concretize de maneira eficaz e acessível.

Edgar Rizzatti, presidente da Unidade de Negócios de Novos Elos do Grupo Fleury, apresentou um caso de sucesso na utilização de inteligência artificial aplicada à ressonância magnética. Ele destacou a parceria entre o Fleury e a GE Healthcare para implementar o AIR Recon DL, tecnologia que reduz ruídos nas imagens

e melhora a precisão dos diagnósticos. “Conseguimos reduzir em até 70% o tempo de realização dos exames, proporcionando maior conforto ao paciente e economia para a instituição”, explicou.

Os resultados obtidos com o projeto foram tão promissores que, em menos de seis meses, a tecnologia foi expandida

para outras unidades do Grupo Fleury. Segundo Rizzatti, “o período de julho a dezembro mostrou um aumento significativo de exames realizados, passando de 82 mil em 2022 para quase 110 mil em 2023”. O impacto também se estende ao consumo de energia e às emissões de gases de efeito estufa, que foram reduzidos pela maior eficiência no processo.

A mesa concluiu que a inovação contínua é essencial para a sustentabilidade do setor de saúde, especialmente com o uso de tecnologias como inteligência artificial e plataformas integradas. “Combinando pessoas, processos e tecnologia, podemos transformar a experiência do paciente e otimizar a operação das instituições”, finalizou Rizzatti.



César Nomura (Abramed), Marcos Bego (HC-FMUSP), Victor Gadelha (Dasa) e Chao Lung Wen (USP).

Desafios e oportunidades da IA na prática clínica

A medicina orientada por inteligência artificial (IA) está ganhando cada vez mais relevância com a aplicação de Grandes Modelos de Linguagem (LLMs). No entanto, a adoção dessas tecnologias exige reflexão sobre seus desafios e oportunidades, de acordo com os especialistas do painel que abordou a utilização da IA na prática clínica.

Marcos Bego, diretor-executivo do Instituto de Radiologia do HC-FMUSP, compartilhou a experiência de implantação da tecnologia no hospital, processo que começou pouco antes da pandemia. “Usamos IA para acelerar o diagnóstico de Covid-19, conectando 50 hospitais em uma rede que utili-

zava o algoritmo para análise de radiografias, antes mesmo dos testes PCR”, lembrou.

Bego ressaltou a importância de inserir a IA na cadeia de cuidado de forma estratégica. “É preciso começar pequeno, resolvendo um problema específico e aprendendo com a prática”, sugeriu. Ele acrescentou que a aplicação da IA por si só, sem propósito claro, dificilmente gera performance e resultados, e alertou para o desafio de provar o valor da ferramenta para que os médicos a incorporem em sua rotina diária.

Victor Gadelha, Head de Educação, Pesquisa e Inovação da Dasa, completou que sem-

pre houve o temor de que a IA substituísse médicos, mas o que se vê hoje é que a tecnologia agrega eficiência à jornada assistencial. Além disso, destacou, “os maiores ganhos estão na otimização de processos operacionais e não necessariamente na assistência direta.” Gadelha também recomendou que as instituições comecem a aplicar IA em áreas de baixo risco, como classificação de dados e pesquisa.

Chao Lung Wen, professor associado da USP, trouxe uma perspectiva crítica sobre o uso da IA na saúde, argumentando que é necessário definir claramente os propósitos para a sua aplicação. “Precisamos ter

cuidado com termos como 'medicina baseada em IA', pois expressões imprecisas podem distorcer o pensamento", alertou. Ele defendeu que as soluções de IA na saúde devem ser treinadas com base em evidências científicas específicas e bancos de dados especializados.

Chao também ressaltou a importância de preparar a comunidade médica para interagir com as ferramentas. "A IA deve ser vista

como uma aliada no telemonitoramento e na triagem, ajudando os profissionais a conduzirem entrevistas estruturadas e engajar os pacientes", exemplificou. E destacou a necessidade de investigar as origens dos dados e evitar treinamentos baseados exclusivamente em bancos abertos, que podem introduzir viés nos algoritmos.

Por fim, os debatedores concordaram que a transformação

digital nas instituições só será efetiva com a incorporação de novos hábitos pelo corpo clínico. "Mais do que temer que estudantes usem IA para plagiar, as escolas precisam prepará-los para utilizar a tecnologia de forma ética e prática na medicina", finalizou Chao.

O painel foi moderado por César Nomura, presidente da Abramed.



Os palestrantes falaram sobre os desafios e oportunidades da medicina baseada em IA.